O PROFESSOR READAPTADO: RESSIGNIFICAÇÃO PROFISSIONAL E A IMPORTÂNCIA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO ESCOLAR

MARCELO MARCONATO DE CARVALHO

RESUMO
Historicamente, a identidade do professor é construída em torno da regência de classe. No imaginário social e na cultura escolar, "ser professor" é sinônimo de estar à frente de uma turma. Quando o profissional sai desse espaço físico, ocorre uma quebra simbólica. Transtornos mentais e comportamentais são as principais causas de afastamento definitivo da sala de aula. O ambiente escolar, muitas vezes marcado por salas superlotadas, violência e pressão por resultados, pode desencadear o que chamamos de readaptação funcional do professor, decorrente de limitações de saúde. Porém, essa alteração das funções originais do docente é frequentemente vista sob uma ótica de incapacidade. A percepção da readaptação funcional como "incapacidade" em vez de "readequação" é um fenômeno complexo, enraizado em questões culturais, estruturais e psicológicas dentro do ambiente escolar. No entanto, este artigo busca argumentar que o docente readaptado possui um papel estratégico na articulação pedagógica e administrativa. O objetivo deste trabalho é analisar a importância desse profissional para o ecossistema escolar, investigando como suas novas funções podem potencializar o aprendizado e a gestão escolar. Através de uma revisão bibliográfica, conclui-se que, quando bem integrado, o professor readaptado deixa de ser um "afastado da sala" para se tornar um mediador fundamental de projetos transversais e apoio pedagógico.

PALAVRAS-CHAVE: Readaptação Funcional; Valorização Docente; Gestão Escolar; Saúde do Professor; Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O cenário educacional contemporâneo impõe desafios que, muitas vezes, resultam no adoecimento físico e/ou psíquico do corpo docente. A readaptação surge como o instituto jurídico e administrativo que permite ao servidor permanecer em atividade, porém em funções compatíveis com sua nova condição de saúde. O problema central reside no estigma: muitas vezes, o professor readaptado é subutilizado em tarefas meramente burocráticas. Essa subutilização é uma das maiores falhas de gestão nas escolas públicas e privadas. Em vez de a escola aproveitar os dez, vinte ou trinta anos de experiência intelectual desse profissional, ela foca apenas na sua limitação física e/ou psicológica. O resultado é o que chamamos de "desvio de competência". Como o professor não pode mais controlar uma turma de quarenta alunos ou usar a voz intensamente, a gestão escolar, por falta de planejamento, o aloca na secretaria ou no arquivo. O saber pedagógico é desperdiçado em tarefas que poderiam ser feitas por um auxiliar administrativo, enquanto a escola carece de apoio em projetos de leitura ou reforço escolar. Por outro lado, muitas leis municipais e estaduais são vagas. Elas dizem que o professor deve exercer "atividades afins", mas não especificam quais. Sem uma diretriz clara, o diretor da escola muitas vezes não sabe onde "encaixar" o profissional. Esse professor acaba virando um "coringa" ou "tapa-buraco": atende o telefone, cuida do portão ou organiza o estoque de merenda. Isso gera um sentimento de desqualificação profissional. Ele deixa de ser visto como um "par" pelos outros professores e passa a ser visto como um "funcionário da secretaria", cortando o vínculo dele com o currículo e com o acompanhamento dos alunos, tornando impossível sua contribuição com estratégias de ensino, mesmo tendo vasta experiência. Às vezes, a subutilização é forçada por uma estrutura precária. Se a biblioteca está fechada ou o laboratório de informática está quebrado, o professor que poderia estar dinamizando esses espaços acaba sendo empurrado para o balcão de atendimento por falta de opção de trabalho pedagógico. Em muitos casos, o professor sente que sua formação acadêmica foi "jogada no lixo". Isso pode agravar o quadro de depressão ou ansiedade que, muitas vezes, foi o que causou a readaptação em primeiro lugar. Este artigo busca inverter essa lógica, demonstrando que a experiência pedagógica acumulada por esses profissionais é um ativo valioso

que pode ser redirecionado como importante contribuição ao cotidiano escolar.

DESENVOLVIMENTO

A readaptação não deve ser encarada como o fim da carreira docente, mas como uma transição de modalidade de atuação. Encarar a readaptação como uma transição de modalidade de atuação significa aplicar ao magistério a mesma lógica de evolução que vemos em outras carreiras: um profissional experiente que, por questões de saúde ou limitações físicas, migra da "linha de frente" (a regência) para a "inteligência estratégica" (o suporte pedagógico).

Na regência, o valor do professor é frequentemente associado à sua capacidade física: voz, mobilidade e resistência para gerir uma turma por horas. Na transição de modalidade, o foco se desloca para o capital intelectual. O professor não "perdeu a profissão"; ele apenas mudou o instrumento. Se antes ele ensinava diretamente ao aluno, agora ele ensina à escola, organizando o conhecimento, a mediação e os recursos.

Ao buscarmos um perfil do docente readaptado, na sua grande maioria, observamos que é formado por profissionais com anos de experiência em sala de aula que desenvolveram patologias como disfonia (problemas vocais), distúrbios osteomusculares (LER/DORT) ou transtornos mentais (Burnout), entre outros. Diferente de uma licença médica temporária, a readaptação foca na permanência no trabalho em uma nova configuração.

Dentre as múltiplas possibilidades de novas configurações de trabalho desse profissional, transformar o professor readaptado em um articulador de saberes é uma delas. Isso significa mudar o foco da sua "limitação física" para a sua "potência intelectual". Como esse profissional possui a experiência da sala de aula, ele entende as dificuldades do aluno e os desafios do colega docente, o que o transforma na ponte ideal para conectar diferentes áreas da escola. Quando o professor readaptado atua como articulador, a escola ganha um "cérebro" a mais no planejamento. Ele deixa de ser um peso administrativo para se tornar um suporte técnico que melhora a qualidade do ensino e a saúde do ambiente escolar, preenchendo lacunas que a correria do dia a dia impede que os professores regentes e coordenadores ocupem, possibilitando a melhora da qualidade do ensino, uma vez que o professor readaptado, nesta função, torna-se um multiplicador de boas práticas. Se ele descobre uma ferramenta digital nova ou uma metodologia de leitura eficaz, ele tem o tempo que o regente não tem para testar, aprender e depois ensinar aos demais.

Muitas são as possibilidades pedagógicas para um professor readaptado exercer funções estratégicas que apoiam tanto a gestão quanto o aprendizado dos alunos, respeitando as limitações de saúde. Passamos a listar abaixo algumas delas:

Gestão do Acervo e Mediação de Leitura (Biblioteca/Sala de Leitura): Esta é uma das funções mais comuns, pois permite um contato mais calmo com os alunos, como por exemplo, em vez de apenas organizar livros por ordem alfabética, o professor pode aplicar seu olhar didático para tornar o acervo "vivo", organizando-o por temas (ex: Geografia Humanista, Meio Ambiente) que dialoguem com o currículo; Categorizar livros não apenas por idade, mas por complexidade textual e visual, auxiliando os professores regentes a escolherem materiais adequados para cada fase do desenvolvimento; criar clubes do livro ou contação de histórias que não exijam esforço vocal excessivo, podendo ser feita através de podcasts literários, audiolivros ou exibição de curtas-metragens seguidos de debates breves; organizar kits de livros e materiais didáticos para serem levados às salas de aula, facilitando o trabalho do professor regente; montar murais e exposições no espaço da biblioteca que reflitam o que está sendo estudado nas disciplinas auxiliar alunos em trabalhos acadêmicos, ensinando normas de citação e busca de fontes confiáveis; ensinar os alunos a utilizar índices, sumários e ferramentas de busca, transformando a biblioteca em um laboratório de investigação científica; elaborar pequenos guias de leitura para os pais e alunos, incentivando a leitura em casa; identificar lacunas em áreas específicas e sugerir aquisições que acompanhem as novas diretrizes da BNCC.

Ainda, o ambiente da sala de leitura é, por natureza, um local que exige calma e acolhimento. O professor readaptado pode usar esse espaço para atuar como um mediador de conflitos através da literatura (biblioterapia), utilizando livros que abordem emoções e convivência

social, além de transformar a biblioteca em um "lugar" (no sentido geográfico do termo) de pertencimento, onde o aluno se sinta seguro e emocionalmente conectado à escola.

Apoio à Coordenação Pedagógica: a colaboração entre o professor readaptado e a Coordenação Pedagógica é uma das formas mais eficientes de fortalecer a gestão escolar. O professor readaptado pode atuar como um "braço direito" da Coordenação Pedagógica, uma vez que possui o "saber de chão de escola" e consegue traduzir as necessidades dos docentes em ações práticas, atuando como um elo técnico e estratégico. O professor readaptado pode organizar a base de conhecimento necessária para que as reuniões de planejamento sejam mais produtivas, trazendo artigos, vídeos e leis atualizadas (como as normas da ABNT para trabalhos escolares ou atualizações da BNCC) para subsidiar as discussões pedagógicas; auxiliar a Coordenação Pedagógica na análise dos planos de ensino, verificando se os objetivos de aprendizagem estão alinhados ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade escolar; estruturar a parte documental de projetos interdisciplinares, garantindo que a fundamentação teórica esteja robusta é uma das várias possibilidades. Além disso, o professor readaptado pode focar na análise diagnóstica, interpretando e organizando os dados de avaliações internas e externas em gráficos ou planilhas para identificar quais turmas ou conteúdos precisam de intervenção; criar registros sobre o desempenho dos alunos, facilitando o acompanhamento de casos que necessitam de reforço escolar ou encaminhamento especializado para ajudar os professores regentes a identificar lacunas de aprendizagem. Também são possibilidades pedagógicas possíveis ao professor readaptado no auxílio à Coordenação Pedagógica colaborar na adaptação de materiais didáticos para alunos com deficiência (AEE), utilizando seu conhecimento técnico para criar recursos audiovisuais ou táteis; contribuir na criação de roteiros para conversas restaurativas entre alunos ou entre escola e família, focando na escuta e no acolhimento em vez da punição, além de desenvolver campanhas educativas sobre combate ao bullying e respeito às diferenças, integrando esses temas ao cotidiano das salas de aula através de materiais de apoio, fortalecendo a criação e implementação da Cultura de Paz na unidade escolar. É vital que a Coordenação Pedagógica não utilize o professor readaptado para tarefas meramente administrativas que não exijam formação pedagógica. A atuação deve ser sempre voltada para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Auxílio ao Laboratório de Informática Educativa: é um dos espaços mais estratégicos para um professor readaptado, pois permite unir o conhecimento pedagógico às ferramentas tecnológicas, sem a exigência física e o desgaste vocal de uma sala de aula convencional, garantindo que o computador seja uma ferramenta de aprendizagem e não apenas um passatempo. Caso o professor tenha afinidade com tecnologia, pode atuar na seleção técnica de conteúdos que conversem com o que está sendo ensinado em sala de aula, filtrado simuladores, jogos educativos e plataformas que reforcem conceitos específicos; organizar pastas ou sites com links úteis, vídeos e textos de apoio para que os professores regentes encontrem material de qualidade rapidamente. Auxiliar os alunos a navegarem no mundo digital de forma crítica e segura é uma prioridade atual e imediata, e o professor readaptado pode contribuir muito nessa questão, ensinando aos alunos como diferenciar fake news de fontes confiáveis, além de instruir sobre como utilizar ferramentas de busca de forma avançada. Coordenar atividades de lógica e robótica desplugada ou programação em bloco (como o Scratch), que desenvolvem o raciocínio sem demandar esforço físico intenso elencam também o rol de possibilidades de atuação pedagógica do professor readaptado no auxílio ao laboratório de informática educativa. O laboratório de informática educativa pode ser o centro de registro da vida pedagógica da escola e o professor em readaptação funcional pode coordenar com os alunos a produção de notícias sobre os projetos da escola, trabalhando a escrita e o uso de mídias - Jornal ou Blog Escolar e organizar o registro fotográfico e documental das atividades pedagógicas mais relevantes da instituição - Portfólios Digitais. Junto à equipe docente, esse profissional ainda pode auxiliar os colegas na monta-

gem de apresentações interativas, formulários de avaliação ou murais digitais, bem como realizar pequenas demonstrações para o corpo docente sobre como utilizar novas ferramentas digitais que a escola adquiriu. É importante salientar que, para que essa readaptação seja bem-sucedida, é essencial que o laboratório de informática não seja visto como um "depósito de alunos" ou um local de recreação livre. O professor readaptado deve ter autonomia para propor um cronograma pedagógico que transforme o laboratório de informática educativa em um braço de inovação da escola.
Orientação de Estudos e Reforço Escolar (Pequenos Grupos): é uma das formas mais diretas de impactar a aprendizagem, pois permite que o professor readaptado utilize sua didática em um ambiente controlado. Para um professor que precisa evitar o desgaste de uma sala com trinta ou quarenta alunos, o trabalho com pequenos grupos oferece a calma necessária para o foco pedagógico, principalmente em alunos com dificuldades específicas de aprendizagem, em horários alternados, elaborando roteiros que o aluno possa seguir de forma autônoma, respeitando seu ritmo, o que reduz a necessidade de exposição verbal constante do professor. Trabalhar com grupos reduzidos permite também o uso de metodologias ativas com baixo esforço físico, como por exemplo, organizar os alunos de forma que um ajude o outro (tutoria por pares), enquanto o professor atua apenas como um mediador pontual da conversa (agrupamentos produtivos); utilizar materiais manipuláveis, transferindo o foco da "fala do professor" para a "ação do aluno". Muitas vezes, o aluno não vai mal por falta de inteligência, mas por não saber organizar o pensamento e, nesse caso, esse professor em readaptação pode ensinar técnicas de resumo e mapas mentais, ajudando o aluno a transformar um texto denso em um esquema visual; na gestão de tempo e organização, auxiliando na organização da agenda escolar, do caderno e na preparação para avaliações; na pesquisa bibliográfica, ensinando ao aluno como extrair informações principais de um livro ou site oficial.
Para evitar o desvio de competência, é fundamental que as atividades não se limitem ao preenchimento de fichas de empréstimo ou limpeza de prateleiras. O professor readaptado deve manter sua função intelectual e pedagógica, contribuindo diretamente para o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.
Em resumo, ele deixará de ser um profissional "em espera" para se tornar o eixo de inteligência da escola. O professor "em espera" apenas cumpre horas. O "eixo de inteligência" utiliza sua experiência para traduzir dados em ações. Ele não é mais alguém que "sobrou", mas sim o profissional que viabiliza que a escola funcione com mais inteligência e menos esforço desnecessário.

RESULTADOS
Observa-se que, em escolas que integram efetivamente o professor readaptado ao seu PPP, vários indicadores positivos são revelados.
Ao reduzir seu isolamento, esse profissional sente-se útil e valorizado, ocasionando uma melhora em seu quadro de saúde mental. Essa relação entre utilidade e saúde mental é explicada pela psicodinâmica do trabalho. O isolamento do professor readaptado não é apenas físico; é um isolamento de propósito. Quando ele é reintegrado, ocorre o que chamamos de reinvestimento libidinal no trabalho — o desejo e a energia que haviam sido retirados da profissão devido ao trauma ou à doença retornam na forma de compromisso com a nova função. Ao ser integrado ao PPP com funções claras, o cérebro substitui o ciclo de estresse crônico (gerado pela sensação de exclusão) pelo ciclo de recompensa (dopamina/serotonina) ao concluir tarefas relevantes, o que, na maioria das vezes, estabiliza quadros de ansiedade e depressão, uma vez que a interação social com pares (colegas professores) e o público (alunos/pais) em um contexto de ajuda mútua reduz os níveis de cortisol. O sentimento de pertencer a um grupo com um objetivo comum é um potente antidepressivo natural e esse reconhecimento social é o que sustenta sua resiliência emocional. Além disso, muitos professores readaptados sentem culpa por "deixar os colegas na mão" com turmas lotadas e o isolamento alimenta essa culpa. A integração produtiva transforma a culpa em satisfação. Ao perceber que seu trabalho de retaguarda (como preparar sequências didáticas ou gerir espaços) está, na verdade, facilitando a vida

do regente, a carga emocional negativa diminui. Ele sente que não "abandonou o barco", mas que agora é o navegador que aponta o caminho.
A melhora na saúde mental gera um círculo virtuoso: o professor sente-se melhor → falta menos (redução do absenteísmo) → engaja-se mais em projetos → a escola melhora → o reconhecimento aumenta. A saúde mental do professor readaptado não depende de "descanso", mas de sentido. O trabalho isolado adoece; o trabalho colaborativo cura.
Assim, ao integrá-lo ao PPP, em funções de apoio à gestão ou coordenação de projetos, além de promover a melhora das condições de saúde desse profissional, muitas vezes, por ter um período bastante considerável de experiência, a escola retém seu capital intelectual, pois ele atua como um guardião da cultura escolar e dos processos históricos da comunidade. Ainda, contando com um profissional que já conhece a comunidade e o Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade escolar também favorece a continuidade de projetos de longo prazo que costumam se perder com a rotatividade de docentes em sala.
Outro impacto positivo na otimização das funções de um professor readaptado na unidade escolar é a escuta pedagógica efetiva. Por possuir a experiência da regência, ele entende as dificuldades dos alunos e dos colegas, atuando com uma escuta pedagógica que um funcionário puramente administrativo não teria.
Escolas que articulam bem o PPP utilizam o readaptado para apoiar a organização de materiais, curadoria de recursos digitais ou auxílio na elaboração de sequências didáticas, funções que antes ficavam descobertas e que passaram a ter um olhar técnico e pedagógico especializado.
O profissional contribui na retaguarda pedagógica, garantindo que os recursos (mapas, livros, tecnologias) estejam alinhados ao que o PPP preconiza e favorece a redução da sobrecarga de planejamento dos professores regentes.
A readaptação, por si só, é um exercício de alteridade. Escolas que acolhem bem esse profissional tendem a ser mais empáticas com as diferenças de forma geral, contribuindo para a diminuição dos índices de absenteísmo e melhora na saúde mental da equipe (diminuição do estigma sobre a readaptação). O professor readaptado muitas vezes se torna uma peça-chave em projetos de justiça restaurativa e acolhimento, servindo de ponte entre a direção, os alunos e os pais. Isso pode ser fundamental para promoção e instauração da Cultura de Paz e Inclusão na escola.
Como exposto anteriormente, livre da regência direta, mas com pleno domínio da BNCC e das normas educacionais, esse docente pode focar na análise de dados educacionais (frequência, desempenho, evasão), proporcionando maior agilidade na identificação de alunos com dificuldades de aprendizagem antes que o problema se agrave, ajudando a gestão escolar a torna-se mais baseada em evidências reais do cotidiano das turmas.
Mas, para que esses indicadores apareçam, é fundamental que o PPP descreva claramente as funções do readaptado, garantindo que ele tenha autonomia e voz ativa nas reuniões de conselho e planejamento, e não seja apenas alocado em tarefas burocráticas isoladas.

DISCUSSÃO

A discussão sobre o professor readaptado passa obrigatoriamente pela humanização da gestão. Existe um hiato entre a legislação (que garante o direito à readaptação) e a prática cotidiana (que muitas vezes isola o profissional).
Esse hiato ocorre devido a uma construção histórica e cultural que ainda enxerga a escola exclusivamente sob a ótica da regência de classe. Quando o professor sai do "quadro e giz", ele muitas vezes enfrenta um limbo simbólico. Isso porque a legislação foca na limitação (o que o professor não pode mais fazer, como esforço vocal ou físico). No cotidiano, isso muitas vezes é traduzido erroneamente como incapacidade total.
O sistema jurídico garante a vaga, mas não define a identidade desse novo papel. Sem uma descrição clara de funções no PPP, o professor é "alocado" em espaços residuais (almoxarifado, secretaria), o que gera um sentimento de desvalorização e isolamento. Uma gestão humanizada foca na capacidade residual — o que o professor ainda sabe e pode oferecer intelectualmente.
Também, o professor readaptado vive em um "entre-lugares": não é mais regente, mas [illegible] nistrativa ou equipe de gestão (direção/

coordenação). E essa situação alimenta outros hiatos entre a legislação e a prática cotidiana.
Nas reuniões pedagógicas, esse professor muitas vezes é dispensado ou sua fala é silenciada por "não ter turma", ou ainda, "não ter lugar de fala". Na sala dos professores, pode sentir-se um estranho por não compartilhar as queixas imediatas da rotina de sala de aula. Esse isolamento é rompido ao integrá-lo como parceiro pedagógico, responsável por eixos transversais (como projetos de leitura, mediação de conflitos ou curadoria tecnológica).
A lei assegura o retorno ao trabalho, mas raramente prevê o acolhimento psicossocial. A transição da sala para a readaptação é frequentemente um processo de luto. O professor perde sua identidade de "tutor da turma" e, se a gestão for puramente burocrática, ele é recebido apenas com uma pilha de documentos para organizar. Entende que a saúde do professor é indissociável da saúde da escola. É necessário que a equipe gestora realize um acolhimento adequado, identificando as competências do professor para alocá-lo em funções que façam sentido tanto para ele quanto para a escola. O "preconceito institucional" — a ideia de que quem não está na frente da lousa não está "trabalhando" — é o principal obstáculo a ser vencido para que a importância pedagógica desse profissional seja plenamente reconhecida. Esse acolhimento envolve escutar em qual projeto aquele profissional se sente útil, conectando seu saber acadêmico às necessidades da escola.
Outro problema enfrentado pelo professor que se encontra readaptado é a grande falha na formação continuada. Geralmente, as formações oferecidas pelas Secretarias de Educação são voltadas para metodologias de sala de aula. O professor readaptado fica à margem desses processos, o que aumenta o gap técnico entre ele e os colegas. Oferecer trilhas de formação específicas para as novas funções (gestão de bibliotecas, mediação escolar, análise de dados educacionais), tratando a readaptação como uma transição de carreira interna, alterando profundamente a subjetividade do docente e a eficácia da escola. O impacto mais imediato é a substituição do sentimento de obsolescência pelo de pertencimento funcional.
Ao oferecer uma formação específica, a instituição valida que ele continua sendo um especialista em educação, apenas mudando o seu locus de atuação. O professor deixa de se definir pelo que perdeu (a voz, a mobilidade, a turma) e passa a se definir pelas novas competências que está adquirindo. Dito isso, esse professor pode transformar espaços em centros de pesquisas e letramentos. A formação técnica dá segurança para que ele proponha projetos, intervenha no currículo e dialogue de igual para igual com os professores regentes sobre metas de aprendizagem, impactando diretamente na sua melhora significativa da autoestima e redução do absenteísmo. O profissional sente que a rede de ensino ainda investe nele, o que gera um novo ciclo de motivação e compromisso com o Projeto Político Pedagógico (PPP).
Para que essa transição ocorra, é necessária a presença de uma gestão humanizada que precisa garantir que o Plano de Readaptação não seja um documento engavetado, mas um roteiro de desenvolvimento. Isso envolve um mapeamento de perfil desses professores em readaptação, identificar se o professor tem mais afinidade com tecnologia, mediação social ou organização documental. Além disso, garantir que as horas de formação específica contem para sua progressão na carreira, mantendo a isonomia com os regentes.
Para fechar esses hiatos, a gestão precisa migrar de um modelo de "controle de frequência" para um modelo de "gestão de talentos", afinal, humanizar a gestão é entender que o professor readaptado não é um problema a ser alocado, mas um saber pedagógico a ser resgatado.

CONCLUSÃO

O professor readaptado é um detentor de saberes que a escola não pode se dar ao luxo de perder. Sua importância pedagógica manifesta-se na capacidade de enxergar a escola "de fora" da sala de aula, conectando pontos entre a administração, o currículo e os alunos.
Para que essa importância seja efetivada, as políticas públicas devem focar não apenas no afastamento, mas na reabilitação produtiva, oferecendo formação continuada para que o docente se sinta seguro em suas novas atribuições. A re-

adaptação, portanto, deve ser sinônimo de ressignificação, e não de invisibilidade.

Quando dizemos que a readaptação deve ser sinônimo de ressignificação, estamos propondo que o professor deixe de ser um "ex-regente" para se tornar um articulador pedagógico estratégico. O professor em sala de aula está imerso na microgestão do aprendizado e da disciplina. O professor readaptado, ao circular por outros espaços, desenvolve uma visão sistêmica. Ele consegue perceber, por exemplo, que o aumento da agressividade no recreio (pátio) está relacionado a um conteúdo específico de uma disciplina ou a um conflito que começou nas redes sociais, podendo atuar como um "senso comum" qualificado, traduzindo as demandas dos alunos para a gestão e as diretrizes da gestão para o currículo.

A política pública muitas vezes falha ao tratar a readaptação como um "depósito" de pessoas. A reabilitação produtiva exige intencionalidade. Se o professor não pode mais usar a voz excessivamente, ele pode ser treinado para gerir o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) da escola ou curar objetos digitais de aprendizagem.

O sentimento de invisibilidade nasce da dúvida: "O que eu faço aqui hoje?". A formação específica é necessária oferece o instrumental técnico para que ele responda com clareza esse e tantos outros questionamentos. A invisibilidade é uma escolha da gestão; a ressignificação é uma escolha da política pedagógica.

Quando a escola investe na formação desse docente, ela está, na verdade, protegendo o seu próprio patrimônio humano. O professor readaptado é o elo que pode humanizar a engrenagem burocrática da escola, pois ele conhece a dor da sala de aula, mas agora tem a distância necessária para propor curas, uma vez que o professor readaptado não fala de teorias pedagógicas abstratas; ele fala a partir da cicatriz. Ele sabe o que é o esgotamento vocal, a exaustão emocional de uma turma numerosa e a pressão pelo cumprimento do cronograma. Quando um colega regente está em crise, o readaptado é quem oferece o acolhimento mais legítimo. Ele não julga a dificuldade do par, pois já esteve lá. Ele pode atuar como um suporte emocional e técnico, ajudando a repensar estratégias para uma turma difícil sem o tom autoritário da supervisão.

Quem está dentro da sala de aula vive o tempo do "micro": os 50 minutos da aula, a correção da prova, o conflito imediato. O professor readaptado habita o tempo do "macro", em uma distância que permite identificar padrões que ninguém mais vê. Ele percebe que o aluno que causa problemas na Aula A é o mesmo que brilha no intervalo, ou que a burocracia de um formulário da secretaria está asfixiando o tempo de planejamento dos colegas. Ele "traduz" a realidade da sala de aula para a gestão (que às vezes se distancia da prática) e explica as necessidades da gestão para os professores, suavizando as arestas burocráticas.

Ao não estar preso à regência, esse docente tem — ou deveria ter, mediante política pública — tempo para a pesquisa e para a organização de recursos que "curem" as lacunas da escola. Dizer que o readaptado é um "elo" significa que ele é a peça que impede que a corrente se quebre. Ele humaniza a burocracia porque coloca o fator humano acima do processo administrativo. Ele não está "fora" da educação; ele está em uma posição de observação privilegiada que permite curar a escola de suas próprias pressões internas.

Para que essa engrenagem funcione, a escola precisa garantir que esse professor tenha um assento à mesa nas decisões estratégicas, uma vez que a readaptação é uma especialização forçada pelas circunstâncias, mas que pode resultar em um profissional muito mais completo e vital para a saúde do ecossistema escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, DF: MEC, 2018.

DEJOURS, Christophe. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do tra-

balho. São Paulo: Cortez, 2015.

GAUTHIER, Clermont et al. Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Editora Unijuí, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e Gestão da Escola: teoria e prática. Goiânia: Editora do Autor, 2013.

LIMA, L. S. Saúde e Trabalho Docente: o processo de readaptação. Editora Acadêmica, 2021.

NASCIMENTO, M. A. O Professor Readaptado e a Identidade Profissional. Revista Brasileira de Educação, v. 24, 2019.

NÓVOA, António. Profissão Professor. Porto: Porto Editora, 1995.

PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. O Estágio e à Docência. São Paulo: Cortez, 2012.
SELIGMANN-SILVA, Edith. Trabalho e Desgaste Mental: o direito à saúde no limite da exploração. São Paulo: Cortez, 2011.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2014.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma construção coletiva. Campinas: Papirus, 2004.